REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

TRAÇOS DESCONTÍNUOS E GRADUAIS: UM ESTUDO VARIACIONAL DAS CARTAS E DA ENTREVISTA DE UM SERTANEJO BAIANO

DISCONTINUOUS AND GRADIENT FEATURES: A VARIATIONIST STUDY OF THE LETTERS AND INTERVIEW OF A BAHIAN HINTERLAND SPEAKER

KEILA NOVAES DE SOUZA

Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XIII - Itaberaba/BA. E-mail: keillansouza01@gmail.com

JOANA ANGÉLICA SANTOS LIMA

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente da UNEB, Campus XIII - Itaberaba/BA. E-mail: jalima@uneb.br

RESUMO

Neste estudo sociolinguístico variacional, buscou-se analisar os traços descontínuos e graduais presentes em 17 cartas e uma entrevista-narrativa de Antonio Fortunato da Silva, sertanejo baiano. O objetivo foi compreender como esses fenômenos se situam no contínuo de urbanização (rural, rurbano e urbano) e de que forma são caracterizados como variações linguísticas. Para isso, foram identificados os traços mais recorrentes nos corpora, seguidos de sua descrição e análise à luz dos diferentes tipos de variação linguística. A pesquisa fundamenta-se em autores como Amorim (2014), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Marcuschi (1995), Casella (2016), Ilari e Basso (2007), Martins (2021), Santiago (2012), Simões (2006), Souza e Santos (2018), Tavares (2010) e Teyssier (2001), que discutem a heterogeneidade da língua portuguesa e seus aspectos sociais e históricos. Adotou-se uma abordagem qualitativa-quantitativa, que permitiu não apenas quantificar as ocorrências, mas também interpretar os fenômenos linguísticos em seus contextos sociais. Os resultados evidenciam que os traços graduais predominam sobre os descontínuos e que ambos não devem ser considerados desvios linguísticos. Conclui-se que tais traços não são exclusivos da zona rural, mas refletem fatores sociais, especialmente a falta de escolarização e condições socioeconômicas, contribuindo para a compreensão da variação linguística e para o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Traços descontínuos e graduais. Contínuo de Urbanização. Variação linguística. Português estigmatizado. Português de prestígio social.

ABSTRACT

This variationist sociolinguistic study aimed to analyze discontinuous and gradual features present in 17 letters and one narrative interview of Antonio Fortunato da Silva, a rural speaker from Bahia. The objective was to understand how these phenomena are situated within the urbanization continuum (rural, rurban, and urban) and how they are characterized as linguistic variations. To achieve this, the most recurrent features in the corpus were identified, described, and analyzed according to different types of linguistic variation. The research is grounded in authors such as Amorim (2014), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Marcuschi (1995), Casella (2016), Ilari and Basso (2007), Martins (2021), Santiago (2012), Simões (2006), Souza and Santos (2018), Tavares (2010), and Teyssier (2001), who discuss the heterogeneity of the Portuguese language and its social and historical aspects. A qualitative-quantitative approach was adopted, allowing not only the quantification of occurrences but also the interpretation of linguistic phenomena within their social contexts. The results show that gradual features are more frequent than discontinuous ones and that both should not be considered linguistic errors. It is concluded that these features are not exclusive to rural areas but are related to social factors, especially lack of schooling and socioeconomic conditions, contributing to the understanding of linguistic variation and the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Discontinuous and gradual features; Urbanization continuum; Linguistic variation; Stigmatized Portuguese; Prestige Portuguese.



INTRODUÇÃO

O português do Brasil é uma língua heterogênea, múltipla e variável em razão dos diversos contatos linguísticos que houve na formação do território brasileiro e, também por estar sempre em construção e reconstrução devido os fatores históricos, socioculturais e políticos. Apesar dessa afirmativa, algumas manifestações de fenômenos nos diferentes níveis (fonética, morfológica, sintática...) da língua portuguesa brasileira, presentes na fala e na escrita dos brasileiros que não tiveram oportunidade de estudo, estão sujeitas a julgamento preconceituosos por pessoas que obtêm prestígio social.

Por outro lado, esses falantes, que julgam as falas e as escritas dos pobres, analfabetos como "erradas", também realizam mudanças linguísticas que não estão dentro da norma culta, ou seja, cortam os verbos pela metade e monotongam algumas palavras que tem ditongo sem serem corrigidos e ridicularizados. Com base nessa reflexão, importa estudar "Quais os tipos de traços descontínuos (estigmatizados) e graduais (alterações naturais na fala de todos os brasileiros) são recorrentes na escrita e na fala de Antonio Fortunato da Silva (Doravante AFS), um sertanejo baiano que viveu na zona rural e não frequentou uma escola?"; com o propósito de verificar como esses fenômenos se situam no contínuo de urbanização (polo rural, rurbano e urbano) e se são apresentados como variações linguísticas.

Esta temática a respeito dos vários traços descontínuos e graduais do português brasileiro, será referenciada pelos principais teóricos como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Santiago (2012), entre outros. Neste sentido, este artigo é fundamentado na sociolinguística variacional e de cunho documental por ser constituído de 17 cartas¹ e de uma entrevista-narrativa². Nestes *corpora* realizaram-se os seguintes procedimentos metodológicos: a identificação descritiva dos tipos de traços descontínuos e graduais com a quantificação de ocorrências dos fenômenos; a comparação dos traços linguísticos em forma de linhas contínuas e a apresentação dos tipos de variações linguísticas recorrentes nos dados analisados.

Além desta introdução (seção 1), há mais 7 seções. Na seção 2, discute-se sobre a formação sócio-histórica da variedade do português brasileiro e baiano, deixando evidente a interação linguística entre o português estigmatizado e o de prestígio social; na seção 3, trata-se das representações dos traços descontínuos e graduais como variações linguísticas; na seção 4, aborda-se a respeito do processo metodológico da pesquisa; na seção 5, apresentam-se os traços descontínuos e graduais das cartas de AFS; na seção 6, descrevem-se os traços descontínuos e graduais da entrevista-narrativa; na seção 7, comparam-se os números de ocorrências de traços descontínuos e graduais em forma de linhas contínuas e apresentam-se os tipos de variações linguísticas que apareceram nos *corpora*. Para concluir abordam-se alguns resultados do estudo dos tipos de traços descontínuos e graduais e das variações que ocorrem nos *corpora*.

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: uma interação variacional entre o português estigmatizado e o de prestígio social

Lucchesi (2015) afirma que no início da colonização do Brasil a língua portuguesa se caracterizava como uma das variedades bastante alterada do português europeu, faladas pela população subjugada e escravizada. Em outras palavras, o linguista salienta que neste período não existia uma língua portuguesa consolidada e sim várias línguas³ se misturando para se formar, anos mais tarde, na língua portuguesa brasileira contemporânea.

Desse modo, fica evidente que a língua portuguesa do Brasil colônia já era uma variação do português europeu, pois, segundo o autor supracitado, após a abolição da escravatura (1888), a imensa maioria da população de origem africana e indígena, que não foi alfabetizada e que já falava variedades bastante alteradas do português, passou a se comunicar em uma variante do português colonial (variante estigmatizada), visto que, morava no interior do país, em uma situação de pobreza e marginalidade.

Por outro lado, conforme os estudos de Lucchesi (2015), no decorrer dos anos houve na sociedade colonial uma imposição da língua dominante (o português da elite colonizadora ou o português de prestígio social) em um processo de opressão simbólica e cultural em contraposição as línguas indígenas e africanas dos grupos subjugados, os quais tinham suas falas estigmatizadas na época.

Diante desse cenário, a elite brasileira (a maioria descendentes dos europeus) elaborou um plano ideológico com a finalidade de separar o português falado pelos plebeus mestiços e negros, do português falado pela classe dos nobres prestigiados, fazendo assim, surgir uma polarização sociolinguística em que de um lado estava o português brasileiro culto⁴ e do outro o português brasileiro popular. Entretanto, esse projeto ideológico de polarizar/estabilizar o português brasileiro não surtiu efeito, pois, Santiago (2012) ressalta que a variante do português popular, falado pelos descendentes de escravos e indígenas, sofreu profundas transformações, misturando-se, ao longo dos anos, com a variação do "português culto", que era a língua de comunicação da elite colonial.

Essa interação linguística, segundo a autora, "aconteceu com a chegada dos imigrantes, no século XIX, os quais apreenderam a variação popular com os trabalhadores locais, e ao passo que se ascenderam socialmente, levaram aspectos próprios da variante popular para a norma culta" (Santiago, 2012, p. 23). Em outras palavras, alguns aspectos linguísticos da variação do português estigmatizado adentraram as camadas mais altas da sociedade brasileira, demonstrando que não existe uma estabilidade linguística, pois a fluidez comunicativa dos brasileiros fez surgir uma Língua Portuguesa variável em todos os territórios do Brasil.

Um dos estados brasileiros que demonstra a diversidade linguística fluída é a Bahia, "por sua extensão e por ser o estado mais fronteiro com outras regiões do país (Barros

et al., 2022, p. 16)". Esta afirmativa evidencia a existência de uma variação linguística do português baiano por causa da sua dimensão geográfica que faz fronteira com quatro regiões diferentes, a saber: Nordeste: Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí; Norte: Tocantins; Centro-Oeste: Goiás; e Sudeste: Minas Gerais e Espírito Santo.

Essa variação linguística do português baiano é comprovada por meio de pesquisas filológicas realizadas pelos organizadores do caderno "*Português baiano: de Norte a Sul e de Leste a Oeste*" (2022), os quais afirmam que "a formação linguística do território baiano perpassa pelo contato entre: os povos que já habitavam o território, os indígenas; os portugueses (e outros europeus em contingentes menores, como holandeses, franceses, ingleses etc.), que estabeleceram o processo de colonização do território e das populações que o habitavam; e os povos africanos escravizados, que foram traficados para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. (et al. Barros, 2022, p. 17)".

Por outro lado, de acordo com Araújo (2017) e Santiago (2019), esses contatos linguísticos ocorreram de forma diferente em cada região da Bahia, ou seja, a ocupação do litoral baiano (Salvador e seus arredores), pelos portugueses, foi distinta do desbravamento do interior, o qual ocorreu, anos mais tarde, a partir da expansão da criação de gado e avanço dos currais. Em outras palavras, o português baiano nas regiões da Chapada Diamantina, do semiárido baiano e das áreas interioranas foi formado mais pela variação linguística entre as línguas indígenas e o português europeu, enquanto nos municípios litorâneos e do Recôncavo o português baiano originou-se por meio das várias línguas africanas e do português europeu⁵.

Em suma, a formação histórica do português brasileiro e baiano aconteceu de uma maneira variável, no qual houve a mistura de diversas línguas, sendo as principais o português europeu, línguas indígenas e africanas. Diante deste contexto linguístico, torna-se evidente que em todas as regiões baianas aconteceram variações linguísticas do português brasileiro. Na seção seguinte, será discutido sobre as representações dos traços descontínuos e graduais como variações linguísticas, utilizando-se os aportes teóricos: Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Casella (2016), Martins (2021), entre outros.

OS TRAÇOS DESCONTÍNUOS E GRADUAIS COMO VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Ao estudar a língua portuguesa por meio do contínuo de urbanização (rural-urbano), proposto por Bortoni-Ricardo (2004), percebe-se que existe variantes do português brasileiro em polos urbanos e rurais, os quais estão interligados entre si revelando as suas múltiplas variações linguísticas. Em outras palavras, no contínuo rural-urbano ocorre variações linguísticas que são avaliadas por meio de seus antecedentes sociais e culturais, e entre essas variáveis encontram-se aquelas que caracterizam os falantes descendentes do meio rural.

Neste sentido, conforme discute Bortoni-Ricardo (2004), a partir do momento em que brasileiros nascidos e criados na

região rural ou urbana do contínuo de urbanização interagem entre si, observa-se uma variedade de usos linguísticos ou tipos de variações linguísticas; as quais são classificadas, por Bagno (2007) e Ilari e Basso (2007), como diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica, ou seja, fenômenos que estão ligados ao processo sócio-histórico da língua e aos fatores geográficos e sociais como o lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução etc.

Diante deste cenário sociolinguístico, onde identifica-se o português brasileiro como uma língua de múltiplas variações linguísticas, de acordo com Bortoni-Ricardo e Bagno (2007), existe vários traços descontínuos e graduais, em que, o primeiro fenômeno é definido como aspectos linguísticos que socialmente estão presentes no polo da zona rural e recebem uma maior carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas e; o segundo como aqueles elementos que são comuns nas falas de muitos brasileiros.

No campo da sociolinguística, existem algumas pesquisas que usam os traços descontínuos e graduais para discorrer sobre a variação linguística, sejam no campo da educação ou em outras áreas. Seguindo este propósito sociolinguístico, encontra-se os artigos de Amorim (2014), Casella (2016), Martins (2021), Souza e Santos (2018) e Tavares (2010), nos quais os autores identificam os seguintes fenômenos: metátese; redução das vogais médias; apagamento da consoante /r/ em final de palavras; vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/; rotacismo; monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final; eliminação do plural redundante; uso do pronome oblíquo mim como sujeito de infinitivo etc. como traços descontínuos e graduais do português brasileiro.

Portanto, existem pesquisas que apresentam vários tipos de traços descontínuos e graduais, demonstrando que o português brasileiro é uma língua variável falada e escrita por sujeitos escolarizados e não escolarizados, que vivem na zona rural ou na zona urbana. Na seção a seguir, descrevem-se os procedimentos metodológicos dessa pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adentra ao campo da sociolinguística variacional por meio de um estudo analítico de duas *corpora* a saber: 17 cartas, das décadas de 1956, 1962 e 1963, escritas pelo remetente Antonio Fortunato da Silva e uma entrevista-narrativa de Antonio Fortunato da Silva, feita por Huda Santiago, em setembro de 2004, às 15h, no Bairro Santa Mônica do município Riachão do Jacuípe. Documentos que foram extraídos do banco de dados "Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão-CE – DOHS"⁶ e da dissertação de doutorado, de Huda Santiago, intitulada "A escrita de mãos inábeis: uma proposta de caracterização" (Santiago, 2019).

Desse modo, esta pesquisa buscou estudar os traços descontínuos e graduais em 17 cartas da década de 60 e em uma entrevista-narrativa realizada em 2004, com a finalidade de verificar como esses aspectos linguísticos estão situados nos contínuos de urbanização (rural, urbano e

urbano) e se são apresentados como variações linguísticas. Neste sentido, a análise dos *corpora* foi realizada a partir de duas perspectivas: o contínuo de urbanização, proposto por Bortoni- Ricardo (2004) e Bagno (2007), e o fenômeno variacional da língua portuguesa brasileira.

Na perspectiva do contínuo de urbanização, realizou-se: a quantificação das ocorrências dos traços descontínuos e graduais nos *corpora* analisados; a descrição desses fenômenos e a comparação dos números de ocorrências em linhas contínuas. Já na perspectiva variacional ocorreu-se a identificação dos tipos de variações linguísticas por meio dos dados analisados nos *corpora*.

Assim, o procedimento da coleta de dados foi além de quantificar as ocorrências de traços descontínuos e graduais, demonstrando que esta pesquisa teve uma metodologia de caráter quali-quantitativo e descritivo, pois, aprofunda-se na descrição dos tipos de traços descontínuos e graduais a partir dos números de ocorrências coletadas; apresenta os dados coletados por meio de linhas contínuas de urbanização e informa sobre as variações linguísticas ocorridas nos *corpora*.

Logo, para fundamentar a descrição dos traços descontínuos e graduais e das variações linguísticas, apresentados nas cartas de AFS e na entrevista-narrativa, utilizou-se dos aportes teóricos: Amorim (2014), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Casella (2016), Ilari e Basso (2007), Marcuschi (1995), Martins (2021), Santiago (2012), Simões (2006), Souza e Santos (2018), Tavares (2010), Teyssier (2001) e Torres e Coan (2016).

ANÁLISE DESCRITIVA DOS TRAÇOS DESCONTÍNUOS E GRADUAIS NAS CARTAS DE AFS

Nesta seção, realiza-se o processo analítico dos traços descontínuos e graduais, das 17 cartas de Antonio Fortunato da Silva – AFS, descrevendo-os com o apoio dos seguintes referenciais teóricos: Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Bortoni-Ricardo (2005); Martins (2021), Souza e Santos (2018) e Torres e Coan (2016). Assim, ao analisar algumas de suas cartas verificam-se cinco tipos de traços descontínuos⁷ e seis tipos de traços graduais⁸, em que cada um destes fenômenos apresentaram números de ocorrências, conforme a descrição a seguir.

Referente ao fenômeno de *variação da concordância*, na qual identificaram-se dezenove (19) ocorrências nas cartas de AFS, o narrador marca na frase, a seguir, "Duas linha somente par dar" (AFS – 12)" o plural do sintagma nominal apenas no determinante, que é o numeral DUAS. Segundo Bagno (2007), no português popular e nos estilos falados não monitorados há uma tendência de marcar o plural das frases apenas no determinante do sintagma, sendo uma variação estigmatizada, representada pela maioria dos falantes de comunidade rural. Neste sentido, os dados referentes ao fenômeno morfológico-sintático foram identificados nas cartas de AFS como traços descontínuos por causa do contexto social do remetente que viveu quase toda a sua vida na zona rural e não frequentou uma escola.

Sobre o "léxico característico da região", observaram-se trinta e três (33) ocorrências no *corpus* de análise, entre as quais, aparecem os verbos **alembra** (lembra) e **alembor** (alembro) que são arcaísmos do verbo lembrar (prótese), porquanto, de acordo com Bagno (2007), esses tipos de vocábulos verbais representam sobrevivência de fase anterior da língua e que podem ser encontrados na literatura medieval e clássica, sendo, portanto, um traço descontínuo por ser uma variedade estigmatizada pelos falantes da zona urbana. Mas, além desses dados, no *corpus* analisado identificou-se os seguintes vocábulos **sarbi** (sabe), **dervo** (devo) e **farso** (faço) como traços descontínuos por ser o acréscimo de R em posição de coda (epêntese) um fenômeno comum nas comunidades de zona rural, como deixa claro Bortoni-Ricardo (2004).

A respeito do traço fonético-fonológico chamado de "metátese" aparecem quinze (15) ocorrências nas cartas de AFS, entre as quais, o remetente escreveu os vocábulos "Perzado < prezado"; "Aperpara < prepara" e "Abarso < abraço", trocando a posição da consoante R nas respectivas sílabas complexas PER (PRE), PER (PRE) e BAR (BRA). Assim, como esses dados foram grafados por um sujeito que nasceu e foi criado no contexto rural, podemos considerá-los como traços descontínuos, pois, segundo Bortoni - Ricardo (2004), essa regra linguística é comum nos falares rurais, onde pronunciam "tauba" no lugar de tábua" e "parteleira" no lugar de prateleira.

Em relação ao processo de "monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final", foram encontrados doze (12) ocorrências, entre as quais, verifica-se que o remetente da carta escreve **notisa** no lugar do vocábulo notícia, reduzindo o ditongo IA para A. Segundo Bagno (2007), esse fenômeno é considerado traço descontínuo por ser uma variação estigmatizada, porém, o linguista informa que apesar desse aspecto fonético sofrer a maior carga de discriminação e preconceito, essa variação estigmatizada possui uma explicação na história da língua portuguesa, pois, na formação das línguas românicas algumas palavras latinas que tinham ditongos em posição final passaram pelo processo de redução desses ditongos, como por exemplo: *iustitia* > *justiça*; *pigritia* > *preguiça*; *factitiu* > *feitoço*, entre outros.

Sobre a "vocalização da consoante lateral palatal", aconteceram sete (07) ocorrências, entre as quais, o remetente AFS grafou o pronome MINHA como **mia**, vocalizando a consoante palatal [NH], como pode ser verificado nas seguintes frases ["por **mia** farmiria" (AFS – 02)]; ["na **mia** caza" (AFS – 12) e [**mia** terra" (AFS – 13)]. Segundo Bagno (2007), esse processo fonético pode ser considerado "Pronúncia [y] da consoante palatal [λ]", pois as consoantes palatais [lh] e [nh] se assimilam em vogais; essa mudança fonética, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), é um acontecimento típico do polo rural ou de comunidades fechadas, assim, sendo identificadas como traço descontínuo.

Sobre o "apagamento do /r/ em final de palavra", verifica-se que houve 23 ocorrências, entre as quais, o remetente grafou *pocura* no lugar do verbo procurar sincopizando a letra

/R/ no final, (neste caso há a presença de dois fenômenos fonéticos, a saber: síncope e apocope). Segundo Bagno (2007, p. 148) "o apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros, sendo por esse motivo, um traço gradual". Neste sentido, o autor enfatiza que é inapropriado usar grafias como CANTÁ e VENDÊ como representativas da fala popular, já que elas também caracterizam os falantes urbanos escolarizados.

No fenômeno de "assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio", houve 9 ocorrências, entre as quais no trecho 02 da carta 12, o redator escreve o verbo GANHANDO em forma de supressão do fonema D, isto é, a sequência /nd/ assimila-se ficando /n/ (ganhanno). Segundo Bortoni-Ricardo (2004), esse processo fonético pode ser considerado um traço gradual, porquanto a maioria dos falantes do português brasileiro, ao pronunciarem os verbos do gerúndio, assimilam a sequência /nd/.

Para Torres e Coan (2016), as seguintes perífrases "Eu estava correndo das 8 às 10 da manhã de ontem" e "Estou estudando o gerúndio" consistem em construções antigas na língua que não sofrem estigmas e são variantes de variáveis diferentes (Torres e Coan, 2016, p. 1). Em outras palavras, o uso de construções verbais no gerúndio já se tornou tão comum na língua portuguesa brasileira que os falantes naturalizaram estas expressões gerundivas⁹ em suas falas.

A "ditongação da vogal tônica final seguida de /S/" acontece 17 vezes no *corpus* avaliado, entre as quais, o redator acrescenta a vogal /l/ nos vocábulos *nois* (nós) e *empais* (em paz). De acordo com Bagno (2007), esse processo fonético consiste em *traços graduais* por ser generalizado no português brasileiro, sendo identificados na fala das pessoas cultas e na fala dos não escolarizados. Desse modo, segundo o autor, não é adequado usar as grafias "mêis" (mês); "pais" (paz); "fais" (faz), para representar a "fala popular", pois são traços graduais da língua portuguesa brasileira. Souza e Santos (2018) discutem que esse fenômeno da ditongação ou acréscimo da vogal /l/ acontece, na maioria das vezes, por meio do contexto fonético imediato, quando os falantes pronunciam com velocidade algumas palavras que têm vogal tônica seguida de /S/.

A respeito da "redução das vogais /e/ e /o/ para /i/ e /u/", houve nestes *corpora* 331 ocorrências, entre as quais, AFS escreve *mininu* no lugar de "menino" reduzindo a vogal /e/ para a semivogal /i/. Desta mesma forma, o redator das cartas grafa os vocábulos *commadi* (AFS – 08) e *conpadi* (AFS – 06) reduzindo a vogal /e/ para /i/. Bortoni-Ricardo (2004) define esse fenômeno como um traço gradual da fonética brasileira, pois, "praticamente em todas as manifestações orais do português brasileiro, vemos que as vogais médias /e/ e /o/ são reduzidas para /i/ e /u/ em sílabas átonas" (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 57).

Em relação a "redução de ditongos /ei/ a /e/ e /ai/ a /a/", percebem-se que houve 3 ocorrências, entre as quais, o redator escreve os substantivos *caixa* e *beijinho* como "caxa" e "bejinho", reduzindo os ditongos *ai* e *ei*. Para Bortoni-Ricardo (2004), essa redução dos ditongos *ei* e *ai*, seguidos

dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/, podem ser considerados traços graduais por serem fenômenos que ocorrem, naturalmente, na fala dos brasileiros que vivem zona rural ou no meio urbano. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 54). Como esse fenômeno ocorre gradualmente em zonas urbanas e comunidades rurais, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 101), "a regra da redução do ditongo não é facilmente reconhecida como uma marca do dialeto caipira". Em outras palavras, as reduções de ditongos estão generalizadas que os sociolinguísticos não as consideram como marcadores do dialeto caipira.

Desse modo, conforme discute Bagno (2007) e Martins (2021), a "monotongação" é um processo natural da língua portuguesa brasileira, pois, em uma conversa cotidiana, quase todos os brasileiros pronunciam "bêjo" no lugar de beijo, sem perceber que reduziu o sufixo "eiro" para "êro". Nesta perspectiva, segundo os autores, esse fenômeno é considerado pelos estudiosos da sociolinguística uma variação estável, sem marca de classe social, por ser uma mudança generalizada que acontece tanto nos falantes urbanos e rurais, independente, se são pobres ou ricos; escolarizados ou não escolarizados, nordestinos ou sulistas; se jovens ou idosos.

Referente ao fenômeno "uso do pronome MIM como sujeito depois da preposição PARA", verifica-se que o remetente das cartas coloca o pronome "mim" como um sujeito infinitivo depois da preposição, ficando a oração da seguinte maneira: "par *min* firgal". Na gramática da língua portuguesa, essa construção estaria "incorreta", pois o pronome "mim" não conjuga verbo, portanto o correto, dentro da norma culta, seria "para eu fazer". O interessante é que o redator, em outras cartas, realiza a mesma oração com o pronome "eu", como observa-se, a seguir: "par *eu* puder lir pargar | (AFS – 12)".

Segundo Bagno (2007), esse fenômeno está cada vez mais frequente na fala de cidadãos altamente escolarizados das zonas urbanas, particularmente, na cidade e no estado de São Paulo. Em outras palavras, o uso do pronome MIM como sujeito depois de PARA pode ser considerado traço gradual por estar na fala de quase todos os brasileiros.

Portanto, foram identificadas 86 ocorrências de traços descontínuos e 386 ocorrências de traços graduais nas cartas de Antonio Fortunato da Silva, demonstrando que esses fenômenos não fazem parte apenas dos falantes de origem rural ou que vivem nas comunidades rurais, como o remetente das cartas (Antonio Fortunato da Silva). Mas cabe salientar que os traços descontínuos revelam a identidade de um sertanejo oriundo da zona rural e que não teve acesso à escola.

Na seção seguinte, serão identificados e descritos os *traços descontínuos* e *graduais* na entrevista-narrativa que Santiago (2019) realizou com AFS em Riachão do Jacuípe, e que foi transcrita em forma de narrativa (sem alterar os traços da oralidade).

DESCRIÇÃO DOS TRAÇOS DESCONTÍNUOS E GRADUAIS NA NARRATIVA DE AFS

Com o apoio teórico de Amorim (2014), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Casella (2016), Simões (2006),

Marcuschi (1995), Martins (2021) e Tavares (2010), esta seção discorre-se sobre os traços descontínuos e graduais da entrevista narrativa, na qual foram identificados cinco traços descontínuos e sete traços graduais¹⁰, em que estão descritos nos parágrafos abaixo conforme seus números de ocorrências.

A "variação da concordância", segundo Bagno (2007), consiste na marcação da pluralidade apenas no determinante do sintagma nominal, sendo um fenômeno que acontece tanto nos estilos menos monitorados dos falantes urbanos escolarizados como na fala de pessoas de baixo prestígio social, sendo, portanto, um traço descontínuo. Em relação a esse traço linguístico identificam-se na entrevista-narrativa 67 ocorrências, entre as quais, o entrevistado pronuncia a seguinte frase "dos amigo", marcando o plural apenas na contração da preposição DE com o artigo O (DOS).

Sobre esse fenômeno Bortoni-Ricardo (2004, p. 58) esclarece que "no português oral, nos estilos menos monitorados, há uma tendência a evitar a redundância, flexionando-se só o primeiro elemento do sintagma, portanto, trata-se de uma regra muito generalizada em nossa língua (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 58)". Desse modo, a autora classifica esse fenômeno como traço gradual.

Em relação ao "léxico característico da região", verificaram-se 21 ocorrências, entre as quais, observa-se o fenômeno lexical de variação estigmatizada, como foi identificado na narrativa, quando o Antonio Fortunato diz "aí, **dispois** eu vi um irmão falano na Bibla (AFS – Santiago, 2019, p. 321)", portanto, nesta fala percebeu um acréscimo da consoante S no meio da palavra DEPOIS. Sobre esse fenômeno Bortoni-Ricardo (2004) explica que a presença do "s" na forma arcaica e rural despois/dispois, acontece porque a palavra depois se formou da junção de três preposições latinas: de + ex + post, desse modo, segundo a autora, este vocábulo "dispois" trata-se de uma forma arcaica do "depois" que ainda se conserva nos falares rurais, sendo, dessa maneira, classificado como traço descontínuo.

A respeito da "não nasalização de sílaba postônica", perceberam-se 6 ocorrências no *corpus*, entre as quais, o narrador realiza o seguinte questionamento reflexivo "pra que eu quero aprender do propri **home**? (AFS- Santiago, 2019, p. 321)" suprimindo a consoante nasal M no final do substantivo HOMEM (apócope). Bagno (2007) argumenta que esse processo está relacionado a história da língua, em que, muitas palavras, como LUME, EXAME, NOME, CIÚME, provêm de vocábulos latinos em que existia /N/ no final postônico. Para reforçar essa informação, Tavares (2010) discute que no decorrer da mudança da língua latina para o português, os falantes foram desnasalizando o /N/ final das palavras latinas *abdômen*, *regímen*, *certâmen*, pronunciando-as como "abdome", "regime" e "certame".

Em relação ao processo de "rotacismo", verifica-se que aconteceram 7 ocorrências, entre as quais, destacam as seguintes expressões "arcançaro" (alcançaram) e "arcançou" (alcançou), em que o entrevistado, na tentativa de pronunciar o verbo alcançar, troca o L por R. Desse modo, esses dados

podem ser classificados como traços descontínuos, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004), trata-se de um fenômeno típico dos falares rurais, o qual é avaliado, negativamente, pelas pessoas da cidade.

Sobre a "vocalização da consoante lateral palatal", houve 3 ocorrências, em que, uma delas está destacada na seguinte fala "Seu filho quer casar com minha **fia**", (AFS – Santiago, 2019, p. 325)", na qual, o entrevistado (AFS) pronuncia a palavra FILHA vocalizando a consoante lateral /LH/, isto é, ele assimila a consoante palatal por meio da vogal /I/. Bortoni-Ricardo (2004) informa que essa variante (fia) é típica do polo rural, pois, trata-se de um caráter descontínuo que pode ser observado em /filho > fio/; /palha > paia/; /trabalha > trabaia/. Outro dado que verifica este mesmo fenômeno é o vocábulo "**vei**", no qual AFS fala /y/ no lugar da consoante palatal /λ/ (vei < velho). De acordo com Bagno (2007) no português popular é comum ouvir a pronúncia dos seguintes vocábulos "telha > têia"; "abelha > abêia"; "velha > vêia", os quais, são considerados variantes estigmatizadas pelos falantes das cidades, por isso que essa palavra **vei** foi considerado traço descontínuo.

Em relação a "assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio", verificaram-se 35 ocorrências, entre estas, encontra-se o dado **carregano** (carregando), em que o entrevistado realiza a supressão do fonema **D** ou assimila a sequência ND. Este fenômeno foi considerado traço gradual, porquanto, segundo Bortoni-Ricardo (2004), as assimilações das sequências de sons harmônicos ou parecidos, como no caso do grupo /ND/ para /N/, são considerados traços naturais da língua que acontecem na fala ou na escrita de muitos brasileiros.

Sobre a "redução das vogais ou neutralização", observaram-se três ocorrências, entre as quais encontram-se o verbo *intender*. De acordo com Casella (2016), essa alteração no nível fonético-fonológico, que transforma /e/ em /i/, é considerada um traço gradual do português brasileiro. Para ampliar a discussão dessa variante fonética, Bortoni-Ricardo (2004) apresenta o vocábulo DIBAXO como um traço gradual, no qual aplica-se a regra da relação da vogal pretônica /e/ e /i/ e o fenômeno da redução de ditongo /ai/ e /a/, modificando o advérbio "debaixo" para "dibaxo".

A respeito do fenômeno da "redução da preposição ATÉ", aconteceram duas ocorrências; entre as quais, destaca-se o dado "té" identificado na seguinte fala de AFS "eu faço ne certidão [inint] **té** (até) no foru mehmo (AFS – Santiago, 2019, p. 322)". Considera-se a redução deste vocábulo como traço gradual, por ser, segundo Simões (2006), um fenômeno de fácil compreensão e praticado em qualquer tempo pelos falantes brasileiros.

Na entrevista-narrativa, tanto o entrevistado como a entrevistadora, pronunciam os marcadores linguísticos "aí" e "né", em suas falas. Segundo Marcuschi (1995), esses "Marcadores de Oralidade", os quais aconteceram cinquenta e oito vezes na fala de AFS, são caracteres específicos de uma interação comunicativa, que ocorrem na fala de uma pessoa escolarizada ou não escolarizada, portanto, esse fenômeno pode ser classificado como traços graduais, pois,

em alguns momentos da entrevista AFS expressa os traços linguísticos "ai" e "né", do mesmo modo que na seguinte fala da entrevistadora "Doc.: Pra o cadastramento, **né?**" (Santiago, 2019, p. 327).

Em relação ao fenômeno da "redução da preposição PARA", identificaram-se cinquenta e cinco (55) ocorrências, entre as quais o entrevistado reduz a preposição PARA em duas situações fonéticas, ou seja, ele sincopiza o fonema /a/ e diz "pra" e também realiza um apocope da sílaba /ra/ pronunciado "pa" e "pá", nestes dados, ocorrem um diacrítico-acentuação gráfica. Segundo Casella (2016), essa representação gráfica da contração fonética-fonológica (1º caso síncope e 2º apocope) da preposição "para" é considerada traço gradual, por ser um fenômeno natural da língua portuguesa, tanto na fala como na escrita.

Sobre o fenômeno da "redução de verbos no início", verifica-se que houve 23 ocorrências, entre as quais o entrevistado reduz o verbo ESTÁ para TÁ. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 56), "a perda (aférese) da sílaba inicial "es" – no verbo estar é um traço generalizado no português brasileiro, especialmente, nos estilos não-monitorados." Neste sentido, consideram-se as ocorrências do vocábulo "tá" como traço gradual, visto que, a redução desse verbo, no início, pode ser pronunciada tanto por falantes escolarizados e não escolarizados.

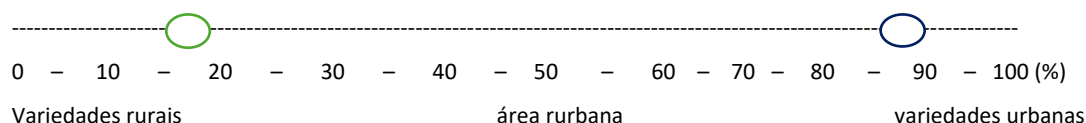
Em alguns trechos da entrevista, observa-se que o entrevistado diz "Cê" no lugar do pronome VOCÊ, eliminando a sílaba inicial (aférese), conforme pode ser observado na fala a seguir: "os pessoal... **cê** (Você) sabe que o desenvolvimento

de leitura..." (AFS, p. 323). Bortoni-Ricardo (2004) classifica esse fenômeno como traço gradual, pois as formas "ocê" e "cê" são muito usadas em estilos não monitorados por todos os brasileiros. Além disso, a autora informa que o pronome VOCÊ passou por uma variação no decorrer da história da língua, obedecendo ao seguinte percurso: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > (o) *cê*. Por outro lado, em sua pesquisa, Amorim (2014) classifica esse dado "cê" como traço descontínuo por ser um léxico característico, variável de região para região.

Em suma, após a leitura da entrevista-narrativa, verificaram-se que houve 104 ocorrências de traços descontínuos e 177 ocorrências de traços graduais no corpus analisado; comparação que comprova que estes fenômenos apontados não são exclusivos dos falantes nordestinos que vivem no sertão baiano, em zonas rurais. Na seção seguinte, essa afirmativa será explicada por meio do contínuo de urbanização, proposto por Bortoni-Ricardo (2004), na qual relacionará o total de ocorrências dos *corpora* em linhas contínuas.

LINHAS CONTÍNUAS DOS TRAÇOS DESCONTÍNUOS E GRADUAIS

Como visto na seção 5, as cartas escritas por AFS apresentaram 86 ocorrências de traços descontínuos e 386 ocorrências de traços graduais, os quais, transformando-se em porcentagem ficam 18% de traços descontínuos e 82% de traços graduais. Essa comparação entre os dois fenômenos ocorridos nos *corpora* está representada na linha contínua abaixo:



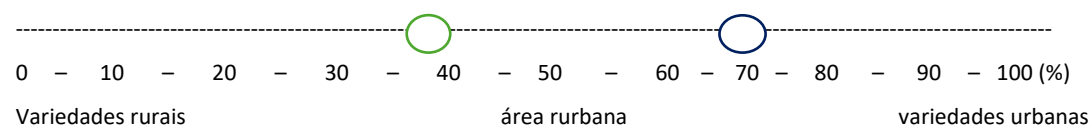
Legenda: traço descontínuo das cartas de AFS

Legenda: traço gradual das cartas de AFS

Neste contínuo, percebe-se que os 18% de ocorrências de traços descontínuos identificados nas cartas de AFS ficaram situados na área de variedades rurais; enquanto os 82% de ocorrências de traços graduais ficaram situados na área urbana de prestígio social. Desse modo, a linha contínua revela que AFS usou mais traços graduais do que traços descontínuos em suas cartas, demonstrando que os fenômenos são recorrentes nos dois polos contínuos (rural

e urbano), não havendo uma fronteira rígida entre os dois polos, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004), "há uma fluidez entre esses contínuos, por haver muita sobreposição entre esses tipos de falares (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52)".

Por meio da comparação da quantidade de ocorrências de traços descontínuos (104 – 37%) e traços graduais (177 – 63%) que houve na entrevista-narrativa, foi feito a seguinte linha contínua:



Legenda: traço descontínuo da entrevista-narrativa de AFS

Legenda: traço gradual da entrevista-narrativa de AFS

Ao observar o contínuo acima, verifica-se que 37% de ocorrências de traços descontínuos ficaram situadas no polo das variedades rurais, enquanto 63% de ocorrências de traços graduais se situaram no polo urbano, porém, como ficaram próximo um do outro considera-se que esses fenômenos estão mais evidentes na área rurbana. Essa distribuição linguística demonstra que os fenômenos percorrem os três polos contínuos, o rural, rurbano e o urbano, sem uma fronteira estável entre eles, isto é, à medida que AFS foi se comunicando com pessoas da área urbana ele foi adquirindo, naturalmente, traços graduais característicos do polo urbano.

Logo, mediante a realização dessas linhas contínuas, verifica-se que houve nos *corpora* traços variacionais que fluíram de um polo para outro, revelando que o português popular pode estar na zona rural e na zona urbana ao mesmo tempo. Desse modo, por meio destas linhas contínuas, presume-se que todos os traços descontínuos e graduais identificados nos *corpora* são classificados como variação diastrática, visto que, Antonio Fortunato da Silva, apesar de ser um sertanejo baiano criado na zona rural sem oportunidade de estudo, conheceu outras variações linguísticas do português brasileiro referentes a algumas cidades e ao estado de São Paulo onde morou por alguns anos.

Por outro lado, dentro dessa variante social (diastrática) encontram-se dados descontínuos e graduais, dos *corpora*, que podem ser identificados como variação diatópica (vocalização das consoantes palatais, rotacismo e redução das vogais /e/ e /o/) e diacrônica (léxicos característicos da região, metátese, monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final, não nasalização de sílaba postônica, rotacismo e redução do pronome VOCÊ).

Desse modo, o traço descontínuo de “vocalização da consoante lateral palatal”, presente no vocábulo “mia” (AFS – 02, 12, 13), foi considerado variação diatópica, pois, segundo Souza e Santos (2018, p. 2.854), “pesquisas revelaram que no falar de Fortaleza e João Pessoa, há uma predominância quase que absoluta de apagamento do “nh” quando antecedido da vogal “i” em sílaba nasal, como em “minha > mia” e tantos outros.” Em outras palavras, em algumas cidades nordestinas as pessoas vocalizam palavras que têm as consoantes palatais, sendo, portanto, uma variação diatópica.

Além disso, considera o fenômeno da “redução das vogais /e/ e /o/ para /i/ e /u/”, presente no vocábulo “mininu” (AFS – 08 e 16) como uma variação diatópica por ser, segundo Teyssier (2001), um fenômeno comum nas regiões nordestinas, onde as pessoas realizam, naturalmente, o abaixamento das vogais /e/ e /o/ para /i/ e /u/, ao contrário dos sulistas brasileiros.

O “rotacismo”, identificado na entrevista-narrativa como traço descontínuo, foi considerado uma variação diatópica, pois, de acordo com os estudos de Souza e Santos (2018), esse fenômeno é um indicador linguístico da Baixada Cuiabana, ou seja, a maioria dos falantes dessa região, sejam escolarizados ou não escolarizados, moradores da zona rural ou urbana,

trocaram o L por R; como nos seguintes dados “arcançaro” (alcançaram) e “arcançou” (alcançou) (AFS) da entrevista.

Em relação ao aspecto linguístico “léxicos característicos da região” apresentou alguns dados, a exemplo de “alembra” (lembra) e de “alembor” (alembro) (AFS – 01 e 13), como variação diacrônica, pois, de acordo com Bagno (2007), esses vocábulos representam sobrevivência de fase anterior da língua por serem encontrados na literatura medieval e clássica. Sobre este mesmo fenômeno, na entrevista-narrativa, também se identificaram alguns dados que correspondem a variação diacrônica, por exemplo o traço descontínuo “dispois” (AFS) (DEPOIS), de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), formou-se da junção de três preposições latinas: de + ex + post, passando para “despois” (português arcaico).

Os seguintes dados “Perzado”; “Aperpara”; “Abarso” (AFS – 02, 14 e 16), do fenômeno “metátese”, também foram identificados como variação diacrônica, porquanto, segundo Casella (2016), durante a formação da língua portuguesa houve a troca de fonemas na mesma sílaba, como se pode ver pelo exemplo *semper* (latim) > sempre (português). O processo de “monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final”, como pode ser visto no dado “notisa” (notícia), foi considerado variação diacrônica, pois, segundo Bagno (2007), na formação das línguas românicas algumas palavras latinas que tinham ditongos em posição final passaram pelo processo de redução, como por exemplo: *iustitia* > *justiça*; *pigritia* > *preguiça*; *factitiu* > *feitiço*, entre outros.

No fenômeno chamado de “não nasalização de sílaba postônica”, considera-se o traço descontínuo *home* (AFS) como uma variação diacrônica, porque, segundo Bagno (2007) e Tavares (2010), no decorrer da mudança da língua latina para o português, os falantes foram desnasalizando o /N/ final das palavras latinas *abdômen*, *regimen*, *certâmen*, pronunciando-as como “abdome”, “regime” e “certame”.

No processo de “rotacismo”, verificou-se que algumas expressões como “arcançaro” (alcançaram) e “arcançou” (alcançou) (AFS) foram consideradas variações diacrônicas, porquanto, segundo Bagno (2007, p. 73), “muitas palavras que hoje têm um R apresentavam um L em sua origem, por exemplo: lat. *blanu* > port. brando; lat. *clavu* > port. cravo.” A respeito da “redução do pronome VOCÊ” para “cê” (AFS), que é um traço gradual, pode ser classificado como variação diacrônica, porquanto, segundo Bortoni-Ricardo (2004), esse pronome sofreu a seguinte modificação: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > (o) *cê*, na história da língua portuguesa.

Por outro lado, quando se comparou as cartas de AFS com a entrevista-narrativa, foi possível verificar um outro tipo de variação que é a diamésica, pois, além tratarem-se modalidades da língua distintas (escrita e oralidade), na transcrição da fala de AFS percebeu-se marcadores orais como “aí” que não aparece no trecho da carta 03 (AFS). Por outro lado, conforme discute Marcuschi (1995), é válido salientar que a fala e a escrita, ainda que ambas possuam divergências, elas são semelhantes, por serem realizações de um mesmo sistema linguístico, que é a língua.

Em síntese, percebe-se que os *corpora* apresentaram alguns tipos de variações linguísticas, a saber: variação diatrática, variação diatópica, variação diacrônica e variação diamésica. E entre essas variações destacou-se a variação diastrática, por estar ligada aos fatores sociais do autor das cartas que é também o entrevistado na entrevista feita Huda Santiago (2019). Entretanto, cabe salientar que os tipos de variações linguísticas apresentadas nos *corpora* convergiram entre si.

RESULTADOS CONCLUSIVOS

Diante do exposto, a identificação de alguns traços descontínuos nos *corpora* revela a identidade de um sertanejo baiano oriundo da zona rural que não teve acesso a escolarização, apesar de ter sido encontrados, em sua escrita e em sua fala, grandes quantidades de traços graduais característicos da maioria dos falantes brasileiros. Assim, presume-se que alguns aspectos do português popular, analisados como traços descontínuos e graduais nos *corpora*, não pertencem apenas ao polo rural, ou seja, são caracteres linguísticos situados nos três polos do contínuo de urbanização.

Essa hipótese foi comprovada por meio das linhas contínuas, as quais revelaram que AFS não cometeu "desvios" gramaticais (vistos como traços descontínuos e graduais), em sua escrita e sua fala. Em outras palavras, os seguintes traços descontínuos: Variação da concordância, léxico característico da região; metátese; monotongação dos ditongos átonos, não nasalização de sílabas postônicas; rotacismo, e vocalização da consoante lateral palatal, foram identificados como traços descontínuos na zona urbana não apenas porque AFS viveu na zona rural, mas porque ele não teve oportunidade de estudo.

Neste sentido, os traços descontínuos, verificados nos *corpora*, referem-se a variantes linguísticas de fatores sociais como a escolarização e não "erros" gramaticais de um sertanejo baiano que morou na zona rural. Esta afirmativa é comprovada por ter havido nos *corpora* a imbricação dos traços graduais e descontínuos, ou seja, os seguintes dados "commadi" (AFS – 08) e "conpadi" (AFS – 06) foram considerados traços descontínuos e graduais ao mesmo tempo por dois motivos: o abaixamento da vogal /e/ e /i/ é comum em quase todas as regiões do Brasil, por outro lado, o apagamento do /R/ no meio do vocábulo é mais natural na fala de pessoas não escolarizadas que vivem na zona rural.

Assim, todos os traços descontínuos e graduais dos *corpora* foram verificados como variação diastrática por estarem ligados aos fatores sociais do redator e falante (AFS), porém, ao analisar os dados, alguns destes fenômenos se apresentaram como variação diatópica e diacrônica. Desse modo, percebeu-se que esses tipos de variações convergiram entre si, ou seja, em todas as variações diastráticas (traços descontínuos e graduais) houve variações diatópica e diacrônica, e entre essas duas variantes aconteceram imbricações, em que, os mesmos fenômenos variaram diacronicamente e de modo regional.

No geral, a pesquisa trouxe algumas reflexões, a saber: os traços graduais e descontínuos, dos *corpora*, não podem ser identificados apenas como marcas linguísticas da zona rural, mas também, como variantes linguísticas recorrentes de fatores sociais e históricos da língua portuguesa brasileira. Esses fenômenos são variações linguísticas e não "erros" gramaticais, os quais revelam que a língua é heterogênea e variável; no português culto há traços linguísticos (graduais) provenientes do português popular.

NOTAS

¹Cartas da década de 60 e escrita por Antonio Fortunato da Silva.

²Entrevista com Antonio Fortunato, realizada por Huda Santiago, em 2004.

³(português europeu, diversas línguas indígenas e muitas línguas africanas).

⁴Estes termos "português popular" e "português culto", segundo Bagno (2007), também podem ser considerados como "português estigmatizado" e "português de prestígio social", respectivamente.

⁵Apesar disso, é importante salientar que não se pode considerar essas distinções como polarizações linguísticas estáveis, pois, em todas as regiões da Bahia houve a presença de indígenas, africanos e portugueses.

⁶O site de acesso do acervo é (www.uefs.br/cedohs). E neste banco de dados encontram-se várias cartas antigas, porém, as que fazem parte do *corpus* de análise dessa pesquisa, estão disponíveis no item "cartas de mãos inábeis", as quais, foram extraídas da tese de Santiago (2019).

⁷variação da concordância; léxico característico da região; metátese; monotongação dos ditongos átonos; vocalização da consoante lateral palatal.

⁸apagamento do /r/ no final; assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio; ditongação da vogal tônica final seguida de /S/; redução das vogais /e/ e /o/ para /i/ e /u/; redução de ditongos /ei/ a /e/ e /ai/ a /a/; e uso do pronome MIM como sujeito depois da preposição PARA.

⁹Expressão utilizada por Torres e Coan (2016).

¹⁰assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio; elevação das vogais; marcadores de oralidade; redução da morfologia verbal; redução da preposição PARA; redução de verbos no início; redução do pronome VOCÊ.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Tatiane Oliveira. **A representação do nordestino Freitas no filme o concurso, conforme sua linguagem.** Monografia apresentada para conclusão do curso de licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/5803>. Acesso em: 28 out. 2023.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARROS, Isis Juliana Figueredo de [et al], organizadores. Português baiano: de Norte a Sul, de Leste a Oeste. In: BARROS, Isis Juliana Figueredo de [et al], organizadores. **O baianês é o quê? Apresentação**. - Salvador: EDUFBA, 2022. (pgs. 15- 28). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35316/3/portugues-baiano-repositorio.pdf> Acesso em: 09 nov. 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora? sociolinguística na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CASELLA, Cesar Augusto de Oliveira Casella. **A representação da variação linguística em tirinhas de chico bento**. Artigo publicado na revista: *Temporis*. v. 16. nº. 2. (p. 82-96). 2016. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/4663>. Acesso em: 28 out. 2023.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

LOPES, Norma da Silva...[et al], organizadoras. Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade. In: ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **O português popular do semiárido baiano**: fundamentos teóricos, sócio-históricos e empíricos. São Paulo: Blucher, 2017. (pgs. 45-72). Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/329> Acesso em: 09 nov. 2023.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: polarização sociolinguística do Brasil. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Oralidade e escrita**, Conferência UFRN – Natal – 1995.

MARTINS, Mariana Spagnolo. **Análise de textos produzidos por alunos do programa de aceleração de estudos**: interface entre ensino de língua materna e sociolinguística educacional.

Artigo publicado na revista: Primeira escrita. v. 8. n. 1. (p. 130-140). 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/download/13666/10028>. Acesso em: 28 out. 2023.

SANTIAGO, Huda da Silva. **Cartas de mãos inábeis**. Anexadas no acervo: Corpus Eletrônico de Documentos históricos do Sertão. Disponível em: http://www5.uefs.br/cedohs/view/lista_geral.html. Acesso em: 26 nov. 2023.

SANTIAGO, Huda da Silva. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de "mãos cândidas" do sertão baiano**. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SANTIAGO, Huda da Silva. **A escrita por mãos inábeis**: uma proposta de caracterização. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29323/1/Tese%20Huda%20Santiago.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos e SANTOS, Amanda Kerolainy Braga. **Urbanização e monitoração estilística**: a variação linguística e as representações da fala caipira nas histórias em quadrinhos. Artigo publicado no dossiê: *Dialnet*. v. 15. n. 1. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6566272.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

TAVARES, Márcia Cristinne Gomes. **O preconceito e a língua**: uma educação linguística voltada para a inclusão social. Artigo publicado no caderno "O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense", v. 1, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2020/2010_fafipar_port_artigo_marcia_cristinne_gomes_tavares.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Traduzido por Celso Ferreira da Cunha. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TORRES, F. F.; COAN, M. Gerundismo: variação e preconceito linguístico. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 13, n. 1/2, p. 1-14, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9343>. Acesso em: 5 dez. 2023.